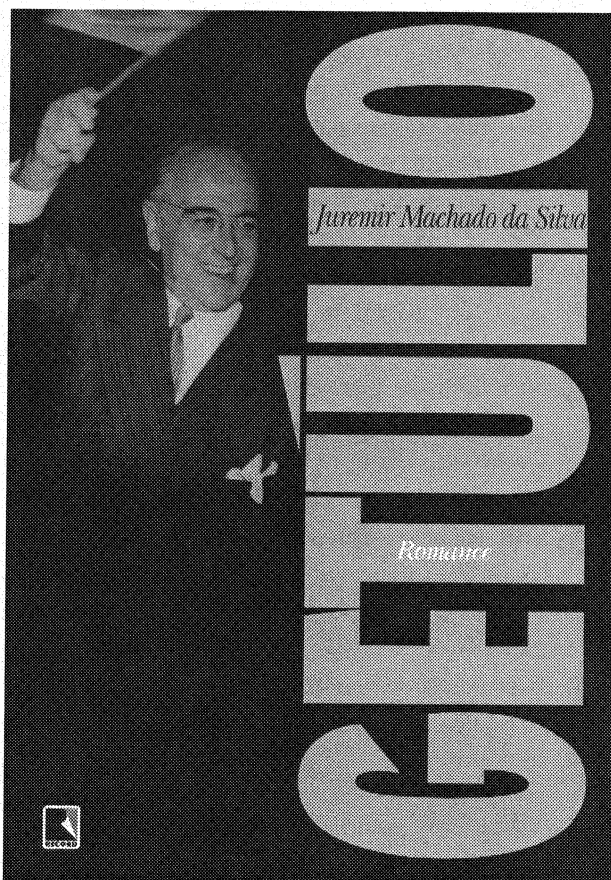


Getúlio: mito, história e ficção



Lucilia de Almeida Neves

Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do curso de História e do Mestrado em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC-MG. Autora, entre outros livros, de *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989. lucilianeves@terra.com.br

Getúlio: mito, história e ficção

Lucilia de Almeida Neves

SILVA, Juremir Machado da. *Getúlio*. Rio de Janeiro: Record, 2004. 430 p.

Vinte e quatro de agosto de 1954. A multidão saiu às ruas das principais cidades do Brasil. Entristecida e enfurecida, não perdoou àqueles que considerava responsáveis pela maior tragédia da história republicana brasileira: o suicídio do presidente Getúlio Vargas.

O Rio de Janeiro, capital da república, foi palco das principais manifestações. Exaltada, uma verdadeira massa formada por populares incendiou redações de jornais, à exceção do periódico getulista *Última Hora*, que continuou rodando e chegou a vender, naquele mesmo dia, oitocentos mil exemplares. Foi depredada a sede da *Tribuna da Imprensa*, de propriedade do maior adversário de Vargas, Carlos Lacerda. *O Globo* e a Rádio Globo também foram alvos preferidos da população traumatizada com o trágico desdobramento de uma crise institucional profunda, que polarizou o Brasil.

Os populares chegaram a atacar a embaixada norte-americana, mas foram recebidos com bombas de gás lacrimogênio e disparos para o alto. Muitas empresas estrangeiras, consideradas por trabalhistas e nacionalistas implacáveis adversárias do projeto nacional-desenvolvimentista implementado pelo presidente Vargas, não foram perdoadas e precisaram ser protegidas por tropas da polícia.

Em Porto Alegre as cenas de desespero e revolta foram chocantes. A Rádio Farroupilha, que reproduzia os ataques de Carlos Lacerda a Getúlio Vargas, foi totalmente depredada e o *Diário de Notícias*, de Assis Chateaubriant, foi parcialmente destruído. Populares também atacaram, com extrema virulência, o Consulado dos Estados Unidos. A sede da União Democrática Nacional (UDN), que desde a sua fundação em 1945 era incansável na oposição cotidiana ao presidente que se suicidara, transformou-se em outro dos principais alvos da revolta popular.

Por que a morte de Vargas levou a população mais empobrecida e também a maioria dos trabalhadores assalariados do Brasil a uma revoltada incontida, sofrida, dilacerante? Muito se tem escrito sobre o assunto. Cientistas políticos, historiadores e sociólogos têm produzido ensaios e livros que analisam não só a trajetória do presidente Vargas, que se tornou um dos maiores mitos políticos do Brasil contemporâneo, como igualmente seu segundo mandato presidencial (1951-1954) e a reação popular decorrente de sua morte.

Chega-nos agora um livro escrito em estilo de romance, de autoria de um gaúcho, o jornalista e historiador, Juremir Machado da Silva. Uma narrativa que inova de forma substantiva na abordagem de um assunto polêmico, complexo, rico de meandros, contradições e tramas. Trata-se de *Getúlio*, lançado pela Editora Record.

A narrativa de ritmo rápido é entremeada por processos sociais e políticos, fatos e situações, que o autor não criou com a plena liberdade de

um ficcionista. É resultado, na verdade, de exaustiva pesquisa histórica e traz à cena inúmeros personagens, que através de suas relações de amor e poder captam a atenção leitor, que não consegue desprender-se de uma trama que entrecorta temporalidades múltiplas, no melhor estilo de um enredo rico em situações complexas. Do presente para o passado da família Vargas e dos diferentes personagens que cruzaram a trajetória do presidente, o autor reconstrói uma saga histórica marcada por amor, desejo, ódios, traições, lutas pelo poder, estratégias de dominação, práticas de subserviência, bajulações, propaganda, censura, intrigas, lealdades, dissimulações. Todos ingredientes de uma história real — apresentada como romance — na qual foi sendo forjado um mito, amado por muitos e execrado por tantos outros.

As pessoas que se interessam pela história do Brasil contemporâneo e também por romances históricos encontrarão em *Getúlio* uma trama recheada por memória e História narradas com letra maiúscula. Para escrever o romance o autor pesquisou durante três anos em arquivos, bibliotecas, centros de documentação, jornais e revistas. Leu mais de 150 livros sobre Getúlio Vargas e sua inserção na história brasileira, entrevistou 73 pessoas direta ou indiretamente relacionadas à trajetória de Vargas ou tocadas por sua morte.

O resultado pode ser conferido em livro no qual as lembranças e esquecimentos da memória se fundem com fatos da história e com ingredientes ficcionais. Trata-se de um texto repleto de uma rede de capilaridades. Cativante, desafiador, inédito, revelador, polêmico, mas pleno de historicidade.

Do cotidiano do exercício de poder, por muitos considerado miúdo, que envolve desde conquistas amorosas — inclusive as do próprio presidente — a relações de cumplicidade temporárias e permanentes, até o exercício da macropolítica, o romance constrói uma dinâmica na qual dúvidas se transformam em certezas e certezas em dúvidas. Nada em sua narrativa é simples ou linear. Como bem apraz aos enredos que envolvem poder e forte psicologia social, tudo adquire um sabor indefinido e uma transparência complexa, peculiar às grandes tramas humanas, nas quais silêncio e mistério são, inúmeras vezes, instigadores, quando não reveladores.

Ler *Getúlio* é um exercício estimulante. Sugere indagações, reflexões, análises e interpretações sobre a dinâmica política e social da vida brasileira. O texto demonstra a cada frase que a realidade humana é intrincada e rica em contradições e emoções. Demonstra também que o exercício de poder não requer somente habilidade e sorte, mas racionalidade, capacidade de observação e de intervenção apurada em momentos precisos. Enfim, que o ofício da política é como um jogo de xadrez. Pressupõe habilidade, raciocínio e paciência: qualidades vitais aos grandes jogadores.

O autor considera Getúlio Vargas o político mais polêmico e mais importante da história do Brasil. Um personagem-símbolo da era iniciada em 1930 e “encerrada” à força em 1964. Uma etapa da vida brasileira que, apesar de inúmeras e diferentes iniciativas para apagá-la da memória nacional coletiva, não consegue ser esquecida, pois seu legado, mesmo que avaliado de forma diversa por diferentes segmentos da população brasileira e também por historiadores e cientistas sociais, foi extenso, profundo e efetivo.

As realizações materiais e simbólicas do período no qual o Brasil foi governado por Vargas ainda hoje persistem marcadas como tatuagem no dia-a-dia da nação e do povo brasileiro. O maior exemplo é a legislação

trabalhista, simbolizada pela carteira de trabalho — que se tornou documento de cidadania —, tendo cabido a Vargas, simbolicamente, a de número um. E como a força dos símbolos, apoiados em realizações materiais efetivas, é incomensurável, a marca da herança varguista ainda continua permeando o cotidiano dos trabalhadores assalariados brasileiros e dos desempregados ou trabalhadores informais que almejam “ser fichados”.

A obra de Getúlio Vargas contemplou diferentes áreas. Político conservador e anticomunista visceral, foi, todavia, o homem público que mais contribuiu para a modernização do Brasil. A dinâmica de seus governos, de fato, combinou conservadorismo com modernidade. Os tentáculos de suas realizações se estenderam da siderurgia à cultura, ao mundo do trabalho, ao patrimônio, à educação, à energia, à criação de parques industriais, à fundação de museus e à modernização das forças armadas. Forças essas que, se um dia lhe deram apoio incondicional, à época do Estado Novo, em outra fase lhe fizeram oposição ou o abandonaram, deixando-o quase que sem amparo quando foi duramente fustigado, em 1954.

Mas *Getúlio* não é somente um mergulho na macro-história política do Brasil. Demonstra também as entranhas das relações de domínio cultivadas por famílias governamentais e/ou oligarcas. Os tradicionais laços de poder, integrantes da visão de mundo das famílias patriarcais, muito comuns em países caracterizados por passado escravocrata e por mentalidade patrimonialista, ainda persistem e se reproduzem na cultura dos velhos setores dominantes. São paradigmáticos ao longo do livro.

Paradigmática também é a história de Gregório Fortunato, que talvez tenha sido a maior vítima de uma tragédia marcada pela prática de uma fidelidade subserviente, cultivada pela família Vargas, que nasceu em berço de ouro e cresceu aprendendo a arte da dominação direta e indireta. Ela sempre exigiu de seus subordinados uma dívida de gratidão.

Nesse sentido, no terreno das tradições e das mentalidades, o livro é exemplar. Refaz a trajetória da família Vargas, que representa, com suas ramificações, jogos de poder, tragédias amorosas, mortes e mandonismo, a história de muitas das oligarquias brasileiras nas quais patriarcalismo se mescla com paternalismo e com dominação local e, inúmeras vezes, nacional.

Trilhando os múltiplos caminhos da memória coletiva, a narrativa de Silva traz à tona uma grande variedade de histórias singulares, todas entrecruzadas com a vida de Getúlio Vargas. São nós de afeto, de amor, de bajulação, de lealdade, de crítica, de ódio, de medo, de admiração, de herança, de respeito, traduzidos ora por cenas comoventes, ora por ações violentas, ora por habilidade extremada. Assim foi a vida de Getúlio. Uma tapeçaria complexa, tecida com inúmeros retalhos, algumas vezes interligados de maneira natural, outras vezes costurados à força. Coesão, cooptação e repressão: lados de um cristal de inúmeras faces.

É quase impossível compreender o Brasil de nossa era republicana sem passar pela figura polêmica de Vargas. O texto escrito por Silva não é um retrato do presidente ditador, pois um único retrato não comporta uma vida tão extensa e rica. É mais do que um álbum de fotografias, ou mesmo um filme de longa metragem. É um romance que através de ricas metamorfoses transforma palavras em muitas fotografias, diferentes filmes e diversas músicas, engendrando uma viagem cheia de idas e vindas pela história de um Brasil que esteve durante longo tempo sob a liderança do presidente Getúlio Vargas.

Getúlio que foi aclamado como o pai da legislação trabalhista, sem nunca tê-la estendido aos trabalhadores rurais. Getúlio que foi nacionalista, ditador, antiliberal, realizador, positivista, caudilho e também estadista. Getúlio que foi o “pai dos pobres” e, segundo Samuel Wainer, *a mãe dos ricos*. Getúlio que semeou amores extremos e ódios profundos. Getúlio que fez da morte um trágico mas eficiente troféu.

São muitos os fios entrelaçados no romance. O leitor se vê desafiado a tentar desembaraçá-los. Essa, porém, é uma tarefa inglória. O melhor é ler o livro com um olhar capaz de visualizar uma trajetória rica de meandros. O melhor é interagir com o texto, viajando no tempo e buscando reconhecer na trama que se concluiu com a morte de Vargas as características mais marcantes da saga política brasileira.

Todos os personagens, inclusive os narradores — que representam a memória do acontecido — falam sobre essa saga. Cada um a seu modo e a partir do seu lugar na história. *Getúlio* não é a tradução de uma única voz. Revela, na verdade, diferentes versões e percepções sobre um tempo não tão distante de nós. Um tempo de falta de tradição democrática, de golpes de estado, de ditaduras, de esperanças. Um tempo de transição de um Brasil agrário para um Brasil industrializado. Uma modernização pela qual se pagou um alto preço. Um desenvolvimento que não teve como desdobramento necessário uma melhor distribuição de renda — embora Getúlio a reconhecesse e por ela se empenhasse. Um tempo no qual a radicalização extremada também contribuiu para a criação de um mito.

Getúlio Vargas, homem, político e, enfim, mito. Vale a pena deslizar pelo texto de Juremir Machado da Silva. Porém o melhor mesmo é fazer da leitura desse livro, que proporciona prazer, mas também incontrolável inquietação, um ato de reflexão sobre a história do Brasil e suas imensas e atávicas contradições.



Resenha recebida em abril de 2005. Aprovada em maio de 2005.